



LITERATURA E LINGUAGEM SOB O VIÉS DOS IDIOMAS: PORTUGUÊS E ESPANHOL NO CONTEXTO DO EJA

Maristela Andréa Teichmann Bazzan ¹

¹ Doutoranda UFSM/CTISM. maristela@ctism.ufsm.br

EIXO TEMÁTICO 2: ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO, LETRAMENTO MATEMÁTICO E MÚLTIPLAS LINGUAGENS

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo apresentar as etapas e os resultados de um conjunto de atividades pedagógicas de produção textual de textos literários envolvendo dois idiomas (Português e Espanhol), realizadas no Colégio Industrial de Santa Maria. Os eventos que narrados desenvolveram-se a partir das práticas em língua portuguesa, literatura e língua estrangeira. Atividades essas que possibilitaram que os alunos dos primeiros, segundos e terceiros anos do curso de Técnico em Eletromecânica produzissem, respectivamente, crônicas, um diário compartilhado, poemas e microcontos e, posteriormente, publicassem um livro que reúne tais produções. O lançamento do livro contribuiu para que os alunos-autores percebessem o caráter humanizador dos textos literários e a escrita como forma de ação social muito mais do que tarefa realizada com finalidades escolares.

O processo de ensino de linguagens é desafiador em qualquer contexto em que ocorra, uma vez que o professor, em qualquer caso, medirá um processo que não pode desconsiderar o espaço sociocultural, a rede de valores e, por último, os anseios de alunos que advém, muitas vezes, de práticas sociais diversas e que acabam por constituir um espaço plural da sala de aula. Nesse sentido, cabe ao professor encontrar maneiras de fazer com que seu objeto de estudo - no caso, língua - contribua para uma formação humana do estudante, a fim de prepará-lo muito mais do que apenas para uma formação técnica. O desafio torna-se ainda maior quando o contexto é um colégio técnico industrial e mais, todavia, em turma do EJA, do Curso Técnico Integrado em Eletromecânica. Esse foi o contexto em que se desenvolveu as atividades e práticas que serão expostas e discutidas neste trabalho.

O presente trabalho, inserido na área de Linguagens Códigos e Tecnologias, transita entre a língua portuguesa, literatura e a língua estrangeira (Espanhol) e possibilitou que os alunos avançassem nesses campos do conhecimento por meio de práticas que mostrassem aos alunos o caráter humanizador da literatura, buscando sensibilizá-los para o poder transformador emancipatório da leitura e da escrita. O projeto que objetivava mostrar aos alunos que o texto literário tem suas especificidades em relação a textos de outros campos de atividades humanas, como os gêneros jornalísticos e jurídicos, por exemplo, também foi almejado o desenvolvimento da consciência sobre a importância da leitura literária, ainda que isso possa ser visto pela maioria como uma “perda de tempo”, para quem trabalha o dia todo e procura uma formação para o mercado de trabalho.



Os gêneros escolhidos foram a crônica literária, diário compartilhado, poema e micro conto justamente por podermos a partir desses gêneros, com o seu caráter crítico-reflexivo, mostrar que um texto literário tem o poder de humanizar:

no exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos viver podemos viver os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia pela ficção (COSSON, 2016, p. 17).

Essa definição vai ao encontro do que definem também uma série de documentos oficiais do ensino, como as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, por exemplo, quando o seu texto afirma que a “literatura possibilita a ampliação do horizonte, o questionamento do já dado, o encontro da sensibilidade, a reflexão, enfim, um tipo de questionamento diferente do científico, já que objetivamente não pode ser medido” (2006, p. 55).

Buscou-se que a escrita dos alunos resultasse em um produto final, que não se limitasse ao ambiente escolar, com fins escolarizantes, como tantas vezes ocorre, e sim que os alunos percebessem que a escrita é para o mundo, para agir socialmente, não para ser avaliado pelo professor e entregue novamente ao aluno.

Dessa forma, engajaram-se alunos e professores das áreas de linguagens e deu-se início às atividades. Os alunos passaram a perceber com mais clareza que os seus textos seriam lidos por pessoas que não apenas o professor, pois foi pensado na produção de um livro. Os textos passariam pelas mãos de parentes, amigos pessoas da comunidade em geral, enfim, de qualquer um que procurasse momentos de fruição literária. A escrita teria sentido, realizaria seu propósito social, porque, claro, não podemos deixar de reconhecer que a escola precisa avaliar seus alunos, mas esse não pode ser o fim maior dos textos que são produzidos por eles, pois ao passarem a ser egressos da escola seguirão a vida como atores sociais e interagirão com múltiplos gêneros textuais no cotidiano e a escola não pode perder isso de vista. A seguir, apresenta-se como se deu o processo que concluiu com o lançamento do livro (Figura 1).



Figura 1 – Retratos do que vejo

Fonte: A autora

Crônicas literárias correspondem a 23 textos que foram produzidos em três versões (escrita, reescrita, versão final) com base na proposta de correção textual-interativa, proposta por Ruiz (2010). A autora afirma que essa perspectiva de avaliação textual faz



com que o estudante perceba que há, para o seu texto, muito mais do que um avaliador-corretor. Os interlocutores, no caso, de todos os textos produzidos passam a ser, então, o público em geral, dada a especificidade do texto literário.

O processo se deu de forma linear, de maneira que os alunos produziram em aula as versões dos textos e sempre em torno de duas semanas depois já com os textos avaliados pelos professores uma nova versão era produzida. Entre a primeira versão e a versão final notou-se uma significativa mudança em relação aos aspectos, principalmente, ao empenho do aluno com a escrita do próprio texto. Para essa sessão não foi construído um título geral como foi feito nas outras sessões da obra. Aqui cada crônica recebeu um título estipulado pelo próprio aluno-autor. Para a escrita desse gênero textual o ponto de partida foram perguntas norteadoras que o professor lançou durante as aulas. Inicialmente, os alunos encontraram algumas dificuldades para estabelecer relações entre sua vida cotidiana e uma possível temática para o seu texto.

Muitas vezes, só depois da escrita da primeira versão da crônica é que os estudantes passaram a perceber que suas inquietações e seus pontos de interesse cotidiano poderiam ser ótimos materiais de construção para uma crônica, e que, de fato, não há realidade sobre a qual a literatura não pode se pautar (e que a crônica literária é um gênero que realmente o faz de maneira extremamente significativa). O “despertar desse olhar singular” por parte do aluno, deu-se, muitas vezes, por meio das sugestões temáticas apontadas pelo professor nos momentos da avaliação da primeira e segunda versões dos textos produzidos.

Diário compartilhado corresponde a 21 textos produzidos pelos 21 alunos do segundo ano do EJA sob a supervisão principal do professor. Essa etapa exigiu empenho maior por parte dos envolvidos no projeto cada um dos alunos tornou-se responsável por narrar um dia na vida das personagens que seriam criadas pela própria narrativa, a medida que o texto fosse sendo escrito pelos alunos e os textos posteriormente reunidos em um todo coerente da daria origem ao diário compartilhado: “surpresas de uma vida fragmentada”, que compõem a segunda parte do livro produzido. Para dar linearidade ao processo, um caderno foi entregue ao primeiro aluno-autor que deu início a narrativa, depois de um dia em posse do caderno e narrado um dia da vida da personagem, o aluno deveria entregar o caderno a um colega, o qual deveria, a partir do que já estava escrito, seguir com a escrita compondo outro dia da personagem, e assim sucessivamente, até que cada um dos 21 alunos tivesse produzido o seu texto. A dificuldade maior nesse tapa foi o fato de que muito rapidamente, as vezes, depois de apenas dois dias narrados, o personagem principal “morria”, o que prejudicava o andamento da narrativa, principalmente, porque os alunos que seguiram com a narrativa encontravam dificuldades com a criatividade necessária à produção do texto. Assim, os professores envolvidos adotaram uma medida: criar um roteiro, uma espécie de espinha dorsal para a narrativa, processo que era atualizado de acordo com os encaminhamentos que cada aluno dava à produção. Cabe mencionar que talvez essa tenha sido uma “medida pouco democrática”, mas tomamos o cuidado, ao máximo, para, que mesmo interferindo no texto, deixar aberto as várias possibilidades e caminhos para a narrativa.

Os microcontos, correspondem aos textos em Língua Estrangeira (Língua Espanhola) produzidos pelos alunos do segundo ano. A mediadora foi a professora da disciplina e teve o procedimento metodológico semelhante àquele adotado para a produção das crônicas, com escrita da versão inicial e duas reescritas. Os alunos foram instigados a escrever, microcontos a partir de uma imagem (fotografia), que representasse uma maneira de reflexão do cotidiano.



Os poemas correspondem aos textos produzidos pelos alunos dos terceiros anos. O processo ocorreu por meio da mediação conjunta dos professores envolvidos no processo. Da mesma maneira ocorreu com as produções anteriores, foi sugerido que os poemas fossem escritos a partir da reflexão dos alunos sobre aspectos da realidade que eles vivenciam, das observações do cotidiano. A temática foi, portanto, escolha livre, desde que atendessem a esse ponto específico. Da mesma maneira que os gêneros já mencionados, os procedimentos de produção compreenderam a escrita de uma primeira versão e sua reescrita em mais duas versões, e com os professores realizando as correções textuais-interativas, dando sugestões de adequações composicionais e temáticas.

O processo resultou no lançamento do livro que mostrou que a escrita só alcança seu verdadeiro potencial se mediar as interações humanas se estiver em funcionamento em seu habitat natural. O que na maioria das vezes ocorre, no processo de produção textual, é a escolarização da escrita, processo que reduz essa atividade ao âmbito escolar e que faz com que os alunos compreendam escrita e textos como sendo algo destinado unicamente avaliação do professor. Isso gera falta de motivação para a produção textual e, em longo prazo, cidadãos que, por lacunas deixadas pela escola, são incapazes de produzir, ler interagir com os textos que fazem parte da sua prática cotidiana. A literatura, por sua vez, passa ser vista de forma desconexa com a realidade, algo que só aumenta e já que existe lacuna entre, por exemplo, cânone e literatura popular ou então o texto literário e, por conseguinte, a literatura em si, é concebida, na visão dos alunos, como algo desnecessário e irrelevante, que nada tem a dizer. Também nesse sentido o projeto contribuiu para que os alunos percebessem que a literatura muda a vida das pessoas, torna-as mais atentas ao cotidiano, desenvolve senso crítico e, mais do que isso, que cada um de nós pode escrever textos literários.

Em um contexto educacional que apresenta, muitas vezes, disciplinas que concorrem entre si disputando importância ao invés de serem vistas como complementares, tanto em relação aos alunos como dos professores. Essa experiência mostrou que é possível repensar iniciativas e práticas em qualquer contexto e que a literatura e a linguagem encontram solo fértil em qualquer espaço social desde que professores e demais envolvidos nos processos educacionais não possuam visões enviesadas sobre concepções que são inerentes ao seu objeto de estudo.

Palavras-chave: Produção textual; Literatura; Letramento; Ação social.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Secretaria de Educação Básica. *Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. 2 ed. 6 re. São Paulo: Contexto, 2016.
- HOLZCHUCH, G. J.; BAZZAN, M. A. T (Orgs.) *Retratos do que Vejo*. 1 ed. Santa Maria: UFSM, 2017.
- RUIZ, E. D. *Como corrigir redações na escola*. 2 ed. São Paulo, Contexto, 2010.